

MALDITA COMIDA!

Um estudo sobre comunidades virtuais de anoréxicas e bulímicas

*Jane Lemos**

UNITERMOS: anorexia - bulimia - comunidades virtuais

RESUMO:

Trata-se de um estudo psicanalítico sobre a momentosa questão da anorexia desenvolvida ideologicamente entre os jovens, com o uso da internet. Baseado em exemplificações clínicas, mostra a questão do gozo e do virtual como real, para tratar do vazio que está no virtual. Termina com observações sobre a comunidade de 1638 membros que deu o título ao texto.

Realmente a única coisa que quero é Ana comigo sempre!!!

Vou ser linda, vou ser magra, vou ser gente.

(Mya Princess, blog "Pró Ana.mia is my obsession")

Adolescentes anoréxicas e bulímicas reúnem-se em blogs e comunidades do Orkut para se apoiar e competir na permanência do sintoma. Elas se apresentam freqüentemente como "Ana" (para casos de anorexia) e "Mia" (para casos de bulimia) ou holofraseiam seus verdadeiros nomes, o que revela a identificação a este novo tipo de sintoma a partir do rompimento com o Outro e da apropriação de uma cena do mundo na construção da identidade. Sendo a faixa etária entre 15 e 19 anos, observa-se que esses sintomas surgem primordialmente na adolescência, o que dá uma pista de que algo relacionado ao encontro com o sexual acontece ou curto-circuita a imagem corporal.

Anas e Mias compartilham, em seus diários, dietas para emagrecer conhecidas como *no food* e truques para "miar", isto é, vomitar, sem que a família perceba. Nas mensagens postadas no fórum da comunidade **Eu tenho bulimia**, por exemplo, encontramos "dicas para miar melhor", do tipo:

Use marcadores, como Doritos, antes das refeições, quando você ver o laranjado já sabe que tudo saiu; [...] Depois de vomitar, não escove seus dentes, além dos ácidos, a pasta de dente pode danificar ainda mais o esmalte dos seus dentes, enxague apenas com água sua boca; [...] qd for miar...ligue o chuveiro para abaixar o som das miadas e tome banho em seguida, e leve o rádio para o banheiro...

Elas também evidenciam sua demanda de amor em torno do que dizem das relações familiares – a mãe que não dá atenção ou prefere outro filho, a mãe que vigia, pega no pé, sempre a mãe. O pai é ausente nesses relatos. Tendo em celebridades do mundo da moda os seus símbolos e o sustentáculo ao discurso do corpo perfeito, são eleitos parâmetros de peso que conduzem progressivamente à morte, ao ansiado limite pele e osso. O limite da recusa à demanda do Outro.

Assim, desafiam a morte arriscando o corpo para barrar o gozo. Em outra comunidade, **Minha obsessão [anna/mia]**, há no fórum o seguinte texto: “Angélica tem ana? (...) o q será que ela fez para secar tão rápido depois da gravidez? Adriane Galisteu perdeu 11 kg em 1 semana! Se elas podem tb podemos!!!”. Nessa busca do corpo perfeito, fazem circular pelos blogs e comunidades fotos de editoriais de moda com modelos anoréxicas, normalmente acompanhando as fotos por frases como “perfeição”, “chegarei lá”, etc.

Várias tentativas foram e estão sendo empreendidas para censurar a criação de sites com esse perfil e alguns tiveram mesmo que sair do ar, sob o argumento de que incitavam à anorexia e à bulimia entre adolescentes. Fabián Schejtman chama a atenção para a ingenuidade de se pretender, pela força da lei, controlar esse modo de gozo, e exemplifica com a lei que obriga as confecções femininas a dispor de todos os tamanhos de roupa. A estratégia de marketing dessas marcas consiste em “não ter tamanhos grandes, isto é, se propõe uma roupa para as que têm um corpo fálico delgado”, diz Fabián.¹ E acrescenta:

Lacan delinea as grandes inovações que produziu a ciência no nível do gozo, fundamentalmente a partir da extensão e proliferação dos objetos a [...] podemos pensar então todo o campo da imagem em relação a essa mirada [...] a imagem se converte no lugar do qual somos mirados. A tela da televisão como o ponto ideal desde o qual o sujeito é mirado².

E, agora, a “tela” da internet. A partir dessas considerações, gostaria de problematizar alguns pontos acerca do que a observação dessa chamada sociabilidade no ciberespaço pode proporcionar ao estudo dos sintomas contemporâneos.

O virtual é real

Tomando-se o real enquanto presença dentro de um espaço e tempo, temos que o virtual desliza numa espécie de co-presença desterritorializada ou no campo das representações. Frequentemente o virtual é associado à irrealidade ou ao imaginário, enquanto a realidade seria a presença tangível. Ou se é real ou virtual. O filósofo Pierre Lévy,³ no entanto, em seu livro *Cibercultura*, insiste na não-oposição dos conceitos. A virtualidade seria um modo da realidade, existindo em potência, sem estar presente. O outro modo seria a atualidade, compreendendo o atual como um campo nunca completamente predeterminado e que possibilita algo da invenção. Uma entidade virtual, um significativo, do ponto de vista acústico e semântico, passa por atualizações diversas e particulares abertas ao imprevisto. O virtual multiplica as oportunidades de atualização do real, diz Lévy.⁴

A essência do que veio a ser chamado cibercultura é, a partir dessas reflexões sobre o virtual, a não-totalização. Uma universalidade de interconexões que se amplia e, ao fazer isso, menos se torna totalizável. Ao não possuir centro ou linha diretriz, constitui-se um “vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos”.⁵ Estrutura labiríntica digna de Jorge Luis Borges, que em *Ficções* já preconizava a livre circulação de textos, sem autoria, e o jogar com a identidade. Aqui vale contrapor a modernidade à dita pós-modernidade quanto a um projeto totalizante refletido no discurso das religiões universalistas, por exemplo. O autor da palavra revelada é a fonte da autoridade, o pai-norma. O sentido aqui é congelado, descontextualizado. No que seria o projeto pós-moderno, as grandes narrativas dão lugar ao contexto, ao quintal. Agora, é do quintal para o mundo, é o gozo do suposto “particular”, gozo do Um. Os diários virtuais ou blogs, assim como as comunidades, pipocam nos furos desse universal que se pretendia total.

Apoiadas na interconexão, as comunidades virtuais proliferam na diversidade de interesses, dinamizando ou mesmo constituindo a chamada sociabilidade virtual. A comunidade virtual atualiza e reconfigura a realidade e é por ela reconfigurada, num movimento entre o exterior e o interior, o real e o virtual, que tem o efeito da banda de Moebius.⁶ Por exemplo, signos de pertencimento são adotados, como uma fitinha vermelha no pulso esquerdo e sua representação gráfica no site indicando que se trata de uma Ana ou pró-Ana (quem quer emagrecer e vê na anorexia uma forma de dieta). Desse modo, a defesa do sintoma ganha ares de bandeira pelo direito ao que nomeiam como “estilo de vida”. Na rua ou na internet, Anas e Mias se reconhecem umas nas outras na evidência do sintoma. Não há enigma.

A despeito da internet propagar-se como uma ambiência que possibilita a cada um ter seu próprio espaço, mesmo que virtual, a circulação de imagens e certos textos em blogs e comunidades é um ponto que chama a atenção e problematiza essa questão do particular. No blog **Anorexia e Bulimia**,

estilos de vida! Não doenças!, a Srta. Anna, dona do blog, recebe comentários do tipo: “me ajude por favor, eu tenho 1.52 e 75 kg, eu sou uma porca nojenta, gorda, me ajude a emagrecer”. Ao mesmo tempo, fotos de mulheres muito obesas repetem-se nos sites com os dizeres “gorda nojenta” ou ainda “porca nojenta”. Os editoriais de modelos anoréxicas, que servem de paradigma, constituem uma espécie de identidade coletiva, demonstrando o achatamento da singularidade. O fato dessas meninas se nomearem Anas e Mias indiscriminadamente é outro dado, além de se referirem à anorexia como a “melhor amiga”. Em alguns blogs, a fitinha vermelha associa-se ao slogan “Amigas para sempre”. A “Carta da Ana”, escrita por uma delas e citada por várias, diz, num determinado trecho:

*Agora, eu realmente estou dentro de você.
Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma.
As dores da fome, que você finge não sentir, são eu dentro de você!
Pois agora eu sou sua única amiga,
eu sou a única que você precisa agradecer!*

Se é possível a emergência do particular em sujeitos imersos no discurso capitalista, é uma questão bastante polêmica e talvez reservada somente à clínica no trabalho com grupos monossintomáticos. Viganò⁷ assinala que a anoréxica “pensa que pode evitar o conflito entre o particular e o universal, por isso ela adere facilmente à proposta de encontrar-se com outras anoréxicas, de formar grupos na ilusão de poder coincidir com a dimensão universal”. Isso seria uma forma de ser incluído na sociedade, de pertencer ao sistema através do grupo, ressalta Viganò. Daí que a fitinha vermelha seja reproduzida graficamente em muitos sites como signo de pertencimento.

A espetacularização do sintoma é outro dado a considerar, que serve ao exibicionismo narcísico e à escopofilia. Quem está na internet quer ver e ser visto, por isso a profusão de sites com webcams 24 horas on-line, além dos fotologs, brinquedinhos narcisistas produzidos pela lógica do mercado.

O virtual é vazio

Voltando ao vazio, gostaria de fazer algumas proposições a partir da idéia de que o virtual articula-se à paixão pelo vazio num gozo sem limite do sintoma. Pierre Lévy aponta que o virtual é vazio e por isso aceita todos os conteúdos. Heidegger dá o exemplo da jarra: quando enchemos completamente uma jarra, o líquido flui na jarra vazia. O vazio é o que acolhe.⁸ É desse acolhimento que possivelmente se trata no ciberespaço povoado por essas comunidades. O acolhimento de um gozo que não se esgota; tanto o gozo não se esgota quanto o vazio é reinventado sem limite. Um vazio inominável e narcotizado. Massimo Recalcati vai dizer que

*a clínica dos novos sintomas é radicalmente uma clínica do vazio [...] Não é o sintoma como satisfação clandestina do desejo inconsciente, como mensagem cifrada e lugar inconsciente do gozo, porém a experiência de um vazio que aparece dissociado da falta [...] expressão de uma dispersão do sujeito, de uma inconsistência radical do mesmo.*⁹

Com Recalcati, podemos propor que essa dispersão do sujeito é como estar à deriva no virtual. Uma deriva que é sem-limite do gozo, mas também, e talvez, um modo de “safar-se da demanda asfixiante do Outro”.¹⁰ Aqui caberia uma articulação entre falta, vazio e nada. Mas por hora pinçaremos apenas o nada da anorexia, o comer nada como “rechaço à demanda do Outro para defender o desejo”,¹¹ isso quando não se trata da nadificação do corpo mesmo, da redução do desejo a nada. Comer nada, deslizar no vazio...

Etimologicamente, anorexia significa ausência do apetite ou inapetência, ou ainda ausência do desejo. Esta última definição parece mais apropriada para pensar demanda e desejo na relação que a anoréxica estabelece com a comida, o que remete à própria relação com o Outro materno, ou seja, às operações de alienação e separação na constituição do sujeito. A recusa à comida enquanto objeto da necessidade em lugar do amor fica patente, por exemplo, na comunidade intitulada **Pref fkr kbeçuda doq barriguda**, quando, na sua descrição, registra que essa comunidade é para:

todos que convivem com TAs (no kso ana e mia) e tentam lidar com isso da melhor maneira possível. rs. Esta comuna é para trocar idéias e interagir, sem julgar. É para você que adora ossos, toma anfetamidas, laxantes, chás, faz NF ou LF, acredita que a "comida é inimiga da perfeição" [...]

Em **Maldita Comida**, outra comunidade de 1.683 membros, a descrição diz que “Se vc non é magra vc non é atraente [...]; Vc deve contar suas calorias; O que a mídia diz é o mais importante; Sendo magra e non comendo, são as coisas q irão lhe trazer poder e sucesso!”. Ainda pensando o desejo enquanto libido, encontramos relatos de relacionamentos nos quais o sexo é visto como uma forma de queimar calorias. Isto é, a recusa à comida de alguma maneira associa-se à recusa à parceria amorosa, o tal “curto-circuito” de que falamos inicialmente. Sobre isso é ilustrativo o que escreve Vivaanna em seu blog **Não Perturbe Tenho Anna**:

Perdi meu namorado por causa dos meus ossos...preferi meus ossos ao meu namorado...sempre me falaram homem não gosta de ossos...tudo bem acho que nem gosto de homem mesmo!Homens não sabem fazer uma mulher feliz por muito tempo!!

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman faz uma releitura da contemporaneidade em *Amor líquido*. Para ele, o homem de hoje é o homem sem vínculos, que, por isso mesmo, precisa conectar-se. Porém essas conexões estabelecidas por iniciativa própria, esses “relacionamentos de bolso”, não possuem o estatuto da permanência. A hipótese que este texto levanta é que essa fragilidade de laços, essa precariedade, é propriamente o que favorece a proliferação de comunidades virtuais de sintoma social na época do Outro que não existe. A velocidade das conexões e desconexões também tem seu lugar nesse gozo. “Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a ‘satisfação instantânea’),¹² diz Bauman. Em outra obra sua intitulada *Comunidade*, Bauman sustenta que “comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido”.¹³ Mas há um preço a pagar por esse pertencimento, o de uma certa autonomia e identidade. Aqui é interessante observar e também contrapor as comunidades do Orkut aos blogs. Enquanto as primeiras revelam-se predominantemente como ajuntamento de membros dentro de regras definidas, os blogs são mais interativos. As seções de comentários às mensagens postadas em blogs têm funcionado como “comunidades” – há os comentários relativos aos textos e os comentários dos comentários. Isso sem contar que muitos dos visitantes são frequentadores assíduos.

O ciberespaço modela o vazio, à semelhança da jarra de Heidegger. E cada vez que esse espaço é percorrido, à deriva ou não, há um remodelamento contingencial desse vazio. O espaço virtual é fluido, contingente, mutável, proporciona um deslizamento que escapa ao todo. Como o dispositivo que rege a cibercultura é a interconexão, considerando a não-totalização e a descontinuidade, temos que esse fluir à deriva conduz a uma quebra do sentido, ao sem-sentido, mas também a um sem-limite voraz, ao sem-limite do gozo do sintoma, do gozo do Um.

Para concluir, uma mensagem postada por Mickaella Ossos e Canela no seu blog em 22 de agosto de 2006:

Cheguei aos 40 [quilos]

Porém:

Quinta-feira: Não senti minhas pernas, rastejei e depois desmaiei, parei no hospital...

Minha mãe brigou comigo, me pôs no carro e me levou a uma clínica psiquiátrica para fazer tratamento, aquilo foi terrível, só tinha "doido".

Sexta-feira: Fui à Psiquiatra, ela me falou da doença e do tratamento, encaminhamento a uma nutricionista...

Ela falou: “nossa vc tá muito magra, tem que engordar, assim nenhum menino vai te querer”.

Ai que vontade de dá um soco naquela vaca velha!

Aí eu vim aqui...

(Enquanto escrevo sinto falta de ar...)

E resolvi escrever porque eu não consigo dar um ponto final a esse blog, isso é tão estranho como disse a uma amiga: Eu não consigo nem apertar um delete...

O que para muitos é menos de um segundo...

Para mim é uma eternidade!

Eu não consigo!

Bjs.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 26.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 9.

HEIDEGGER, Martin. *La cosa*. In: _____. *El ser y el tiempo*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1951.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Trans).

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

RECALCATI, Massimo. *Clínica del vacío. Anorexias, dependencias, psicosis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003

SCHEIJTMAN, Fabián et al. *Anorexia y bulimia. Síntomas actuales de lo femenino*. Buenos Aires: Producción Editorial, 2003. (Serie del Bucle).

VIGANÒ, Carlo. *Anorexia, bulimia*. Conferência proferida em Belo Horizonte, ago. 1999. Transcrição de Célia Salles. In: *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. v. 2. 2005. Brochura não publicada.

* Jane Lemos é jornalista e faz formação em psicanálise no Instituto de Psicanálise da Bahia. O texto é parte da pesquisa de Especialização em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana, pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

¹ SCHEIJTMAN, Fabián et al. *Anorexia y bulimia*. Síntomas actuales de lo femenino. Buenos Aires: Producción Editorial, 2003. (Serie del Bucle). p. 104.

² Idem, ibidem.

³ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Trans). p. 47-48.

⁴ Idem, p. 88.

⁵ Idem, p. 111.

⁶ LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

⁷ VIGANÒ, Carlo. *Anorexia, bulimia*. Conferência proferida em Belo Horizonte, ago. 1999. Transcrição de Célia Salles. In: *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. v. 2. 2005. Brochura não publicada.

⁸ HEIDEGGER, Martin. *La cosa*. In: _____. *El ser y el tiempo*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1951.

⁹ RECALCATI, Massimo. *Clínica del vacío*. Anorexias, dependencias, psicosis. Madrid: Editorial Síntesis, 2003. p. 13.

¹⁰ Idem, p. 22-23.

¹¹ Idem, p. 26-27.

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 26.

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 9.